

Catadores de lixo criam comunidade

JORNAL DE BRASÍLIA

4 NOV 1992

ANA BEATRIZ MAGNO

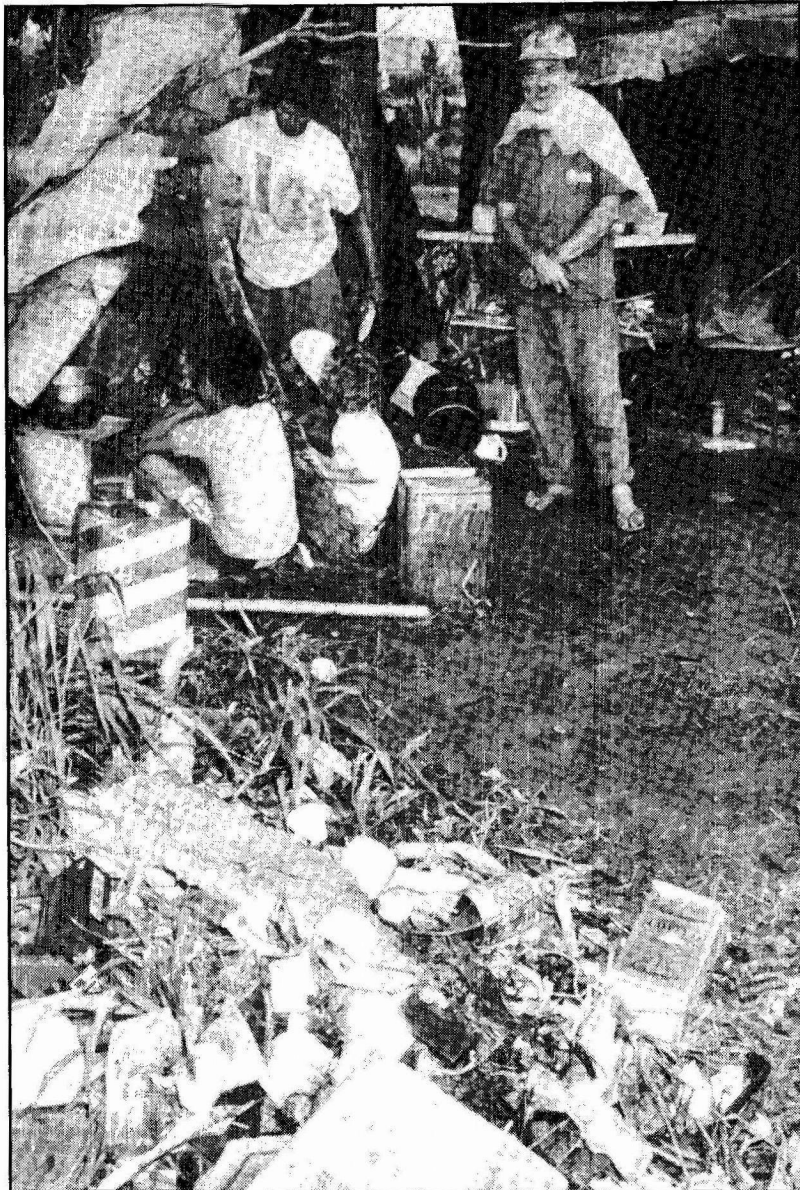
Uma nova comunidade de catadores de lixo está se formando ao lado da Gráfica do Senado. São trinta barracos de papelão, forrados com lonas pretas e habitados por famílias que chegam a ter doze integrantes. As precárias condições de higiene não impedem que as crianças brinquem por entre os dejetos e as moscas. Seus pais atuam sob uma rigorosa divisão de trabalho. Os homens ficam em pontos fixos da cidade recolhendo todo tipo de lixo, depois eles levam tudo para a casa e as mulheres dividem o material — montes de papel branco, de papelão, de plástico e de jornal. Após quinze dias de atividade, cada família reúne tudo numa grande caçamba e vende para a Novo Rio Papéis, arrecadando por mês cerca de Cr\$ 1 milhão.

Apesar de existir há mais de um ano, só agora a comunidade atingiu um nível razoável de organização interna. “Hoje cada um tem seu ponto na cidade”, explica a baiana Conceição Ribeiro, que desde sua vinda para Brasília, em 91, trabalha como catadora de lixo. O mais velho dos cinco filhos de Conceição tem oito anos e nunca frequentou a escola. “Ele está com verminose, e nossa filha caçula, quatro meses, está com pneumonia. Nós já levamos ao hospital, mas não temos mais dinheiro para comprar os remédios”, conta.

Chuvas — Conceição disse que no

período das chuvas seu trabalho se torna bem mais difícil porque a Novo Rio não aceita papéis molhados. “Nessa época demoramos muito mais tempo para encher a caçamba”, afirma. A renda familiar de Conceição vai toda para a compra de alimentos. “mas às vezes, meu marido faz uma extravagância e compra um presente para mim e para os meninos”, conta. Este mês ele comprou um fogão de quatro bocas, e em maio passado foi a vez da televisão. “Nem acreditei quando eu vi, toda vez que tenho um tempo livre, vou com os meninos para a frente da TV”, disse. Ela lembrou que já juntou dinheiro várias vezes para ir ao cinema, mas nunca foi porque não tinha com quem deixar seus filhos. “mas meu marido já foi e me falou que é maravilhoso”.

Ao lado dela vive Altanita dos Santos, que tem sete filhos e há três dias chegou em Brasília com o sonho de juntar dinheiro para comprar o vestido de noiva de sua filha Telma. Logo que chegaram na cidade, eles foram informados sobre o acampamento de catadores de lixo. Esperançoso, seu marido trocou todas as ferramentas de pedreiro por um dos barracos no local. “Nós não temos fogão nem cama, e quando conseguimos uma comida improvisamos um fogo de chão para cozinhar”, conta Altanita, nascida em Uricuri, Pernambuco, num ano que ela não se lembra mais.



As famílias moram em 30 barracos, ao lado da gráfica do Senado